

RESENHA

MARRERO, María del Cristo González, & PINTADO, Jorge Onrubia. (orgs.). (2023). *Instalaciones y paisajes azucareros atlánticos (siglos XV-XVII): arqueología y patrimonio*. Oxford: Archaeopress. 216 p. ISBN 978-1-80327-685-4. DOI 10.32028/9781803276847.

Isaac Lopes Garcia de Melo¹

Resenha de Instalaciones y paisajes azucareros atlánticos (siglos XV-XVII): arqueología y patrimonio²

A arqueologia ocidental dedicada ao estudo de contextos surgidos a partir do século XV, apresenta diferentes denominações nas américas e na Europa. No primeiro caso, o termo *arqueologia histórica* é o comum para os estudos do período (ver discussão em Hall & Silliman, 2006). Seu escopo cronológico tem início com as colonizações europeias, e abrange inclusive pesquisas de contextos arqueológicos do século XX. Para Europa, o termo mais utilizado é a *arqueologia do período moderno*, essa com uma abrangência temporal que costuma abarcar o período entre os séculos XV e XVIII (e.g. Teixeira & Bettencourt, 2012). É sob essa segunda designação que o livro *Instalaciones y paisajes azucareros atlánticos* se aproxima.

Dentro da diversidade de estudos englobados pela arqueologia do período moderno, a obra vincula-se às pesquisas da *arqueologia do açúcar*. Estudando expansão da produção açucareira para as ilhas do Atlântico, bem como as primeiras experiências no Novo Mundo, esse tema também abrange pesquisas voltadas para a produção e refino do açúcar em áreas da Europa (continental e insular), Mediterrâneo e em África (especialmente Marrocos). Bastante dessa geografia é representada no livro.

Dividida em onze capítulos, a obra é organizada por dois acadêmicos espanhóis dedicados à pesquisa em arqueologia do açúcar no arquipélago das Canárias. Como expresseo já na introdução, é dado maior espaço para o estudo dessa região, com três capítulos voltados a pesquisas do local. No primeiro capítulo, os organizadores introduzem o volume destacando o açúcar como um elemento central na formação das economias coloniais, especialmente durante o que denominam de Primeiro Ciclo do Açúcar (séculos XV-XVIII).

A produção nas ilhas atlânticas, impulsionada pela Expansão Ibérica e por condições ambientais favoráveis a seu cultivo, tornou-se um dos principais motores de riqueza colonial, com o açúcar emergindo como uma mercadoria de luxo no mercado global. Tal contexto tem papel central para construção e

¹ Museu Histórico de Igarassu, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil. E-mail: isaacldm@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7066-816X>.

² Trabalho realizado no escopo de atividades de Estágio de Doutorado Sanduiche na Universidade NOVA de Lisboa, sob financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

intensificação das relações coloniais e ao desenvolvimento da economia capitalista. Embora o cultivo da cana tenha gerado uniformidades nas áreas onde foi implantado, os autores observam variações nas técnicas agrícolas, como o uso do arado, métodos de irrigação, e formas de extração e processamento do caldo, embora as mudanças tenham se concentrado principalmente nos mecanismos de moagem.

A introdução do trabalho enfatiza a importância da arqueologia para o entendimento dessas transformações tecnológicas e sociais, possibilitando a análise de elementos materiais e grupos humanos que permanecem ocultos ou pouco visíveis na documentação e iconografia, bem como de relações violentas e de resistência por parte dos agentes que constroem tal processo histórico. Aqui é fornecido um panorama do contexto histórico e tecnológico do primeiro ciclo do açúcar, ressaltando as contribuições da arqueologia para a compreensão dessas dinâmicas e destacando as lacunas existentes na pesquisa arqueológica sobre o tema.

Todavia, tais possibilidades não têm sua totalidade exploradas nos capítulos seguintes. Apesar de constar no título, as ideias de paisagem e patrimônio não têm grande expressão nos textos. Sem discutir com a vasta literatura arqueológica concernente ao tema, alguns dos capítulos apresentam a ideia de paisagem para ressaltar as grandes efetuações materiais envolvidas na implantação de um engenho e uma breve reflexão sobre paisagem como expressão de dicotomia entre seres humanos e natureza, essa especificamente apresentada no capítulo 8. A noção de patrimônio também não recebe uma exploração aprofundada, somente em sentido lato, ao reforçar a importância da preservação de elementos materiais significativos para a compreensão do passado.

O livro explora diferentes contextos em que a monocultura da cana foi implantada, com foco nas estratégias técnicas desenvolvidas para permitir a produção do açúcar, e na descrição materiais e espaços onde tal manufatura e refino aconteciam. Assim, as pesquisas encontram-se mais próximas de uma abordagem arqueográfica. Vale salientar, no entanto, as fases iniciais em que se encontram e, por vezes, os poucos dados arqueológicos disponíveis para estudo, algo que, em certa medida, pode justificar a situação.

O caso em estudo no capítulo 4 possui uma situação diferente. É alicerçado no pioneiro e rico estudo realizado na década de 1960 no Marrocos por Paul Berthier, nas *sucreries* da região de Sous. São destacadas as estratégias sofisticadas de gestão hídrica, essenciais para a produção açucareira. A mobilização massiva de terras, recursos e pessoal para o cultivo da cana resultou em perturbações sociais e econômicas significativas, levando a resistência da população local. Essa análise revela a complexidade da organização espacial e os desafios enfrentados para manter a economia açucareira sob controle central.

O capítulo 3, de especial interesse para pesquisadores brasileiros, trata da arqueologia do açúcar nos arquipélagos atlânticos sob domínio português. Embora ainda não tivessem sido identificadas arqueologicamente estruturas de refino em Portugal continental ou nas ilhas do Atlântico³, há evidências documentais e/ou cerâmicas açucareiras arqueologicamente identificadas nesses locais. Observou-se a

³ Cruz *et al.* (2023), publicado após a submissão deste capítulo para a publicação, apresentou achado arqueológico relativo ao Engenho Praia Melão, ativo entre os séculos XVII e XIX, na Ilha de São Tomé.

exportação dessas cerâmicas de olarias portuguesas para as ilhas atlânticas, com suspeitas de que também foram levadas ao Brasil no século XVI. As pesquisas estão longe de permitir interpretações mais profundas sobre o impacto da produção de açúcar em Portugal, mas o conhecimento das formas de implantação dos engenhos nas ilhas, que influenciou a construção dos primeiros engenhos brasileiros, é importante, como ressaltado no capítulo 8, que salienta o modelo açoriano de arquitetura para o Engenho dos Erasmos.

Os capítulos 9 e 10 trazem interessantes pesquisas efetuadas em países normalmente não lembrados quando se trata da produção açucareira em seu próprio território. O capítulo 9 apresenta evidências documentais e materialidade associada à cerâmica do açúcar que confirmam a existência de refinarias da mercadoria na própria França continental, especialmente durante o século XVII. Nesse caso, foi encontrada evidência documental específica de negociação de açúcar bruto com uma produtora pernambucana, para o refino em França. No caso da Inglaterra, foco do capítulo seguinte, a espacialidade das chamadas *sugar houses* é apresentada, com a demonstração de pesquisa arqueológica realizada em um desses sítios, voltados especialmente ao refino do açúcar bruto trazido das colônias inglesas do Caribe.

Apesar de contar com pesquisas em diferentes contextos geográficos, nenhum dos capítulos é dedicado à região do nordeste açucareiro, cuja produção dominou o mercado por mais de um século, entre 1560 e 1670 (algo inclusive atestado pelos organizadores). No entanto, é salientado que, embora haja um histórico significativo no Brasil, o país ainda não possui pesquisas arqueológicas que façam frente ao vasto campo a ser explorado. Entretanto, estudos arqueológicos nesta região são citados, como os referentes ao projeto *Os Primeiros Engenhos Coloniais da Sesmaria Jaguaribe*, desenvolvido pela pesquisadora Cláudia Oliveira da Universidade Federal de Pernambuco.

Instalaciones y paisajes azucareros atlánticos abrange especialmente aspectos da história das técnicas, trazendo um panorama das pesquisas em arqueologia do açúcar nas ilhas do Atlântico. Marcadamente arqueográfica, ela destaca a importância de futuras investigações para aprofundar a compreensão das experiências coloniais e seus legados. A diversidade de contextos geográficos abordados torna este livro uma leitura importante para pesquisadores interessados no impacto duradouro da produção de açúcar no desenvolvimento global. Os contrastes entre diferentes centros de produção de açúcar auxiliam a discernir o que é essencial à produção açucareira em si e o que são variações locais. Tais variações revelam as dinâmicas de negociação entre os atores sociais e as diferentes agências envolvidas na conformação dos engenhos. Estudar os casos particulares é fundamental para entender as especificidades sociais e os desafios enfrentados nesses contextos, fornecendo uma compreensão mais profunda do funcionamento das plantações açucareiras.

REFERÊNCIAS

- Cruz, M. D., Thomas, L., & Ceita, M. N. (2023). Bitter legacy: archaeology of early sugar plantation and slavery in São Tomé. *Antiquity*, 97(395), e30. DOI: <https://doi.org/10.15184/aqy.2023.113>
- Hall, M., & Silliman, S. W. (orgs.). (2006). *Historical archaeology*. Malden: Blackwell Publishing.

Teixeira, A., & Bettencourt, J. A. (orgs.). (2012). *Velhos e novos mundos: Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: Congresso Internacional de Arqueologia Moderna.